

## Apresentação do Livro de Sousa Dias *Questão de Estilo*

1. Apresentar um livro pode parecer, pelo menos à primeira vista para alguns, uma tarefa semelhante à de uma descrição linear mais ou menos biográfica centrada em torno da vida pessoal, familiar e académica do autor. Se esse fosse o nosso caso, estaríamos, então, perante um tipo de abordagem que deveria basear-se fundamentalmente na biografia do autor. Sendo assim, procuraríamos centrar a nossa atenção sobre dados concretos como factos reais ou testemunhos credíveis. Começaríamos por interrogar os amigos, colegas e familiares do autor. A nossa apresentação daria a conhecer aspectos relacionados com vida do autor relegando para segundo plano a discussão das ideias do livro. Seria certamente uma hipótese de abordagem possível mas não aquela por nós escolhida.

Entramos numa época em que o pensamento se confunde muitas vezes com a sua difusão pelos *media*. Existem, hoje, programas televisivos que à força de procurar saber *quem somos, o que queremos e para onde vamos*, acabam por normalizar o homem, pregando-o ao ecrã como se este fosse a resposta promessa permanente de divertimento a tudo o que o inquieta. Chama-se a isso cultura de massa e dos lazeres. É já um fenómeno com algumas décadas tendente a uniformizar as mais variadas expressões artísticas e modos de pensar a um *produto* cultural assimilável por todos.

Nos dias de hoje a cultura faz parte de uma lógica de mercado assim como abrange toda uma série de organismos e institutos directamente ligados ao Estado que apoia e subsidia projectos de artistas. Por outro lado, a cultura ganhou um maior protagonismo e uma visibilidade mediática nunca antes alcançada, devido à crescente esteticização que a vida, o lazer e o próprio trabalho adquiriram nas sociedades actuais. Em certos casos, isso levou a cultura a transformar-se numa indústria de bens de entretenimento de toda a espécie, chegando ao ponto de impor padrões e hábitos de gosto à generalidade das pessoas e a largas camadas de público em particular.

Torna-se evidente, desde logo, que em todo este processo de globalização económica, política, tecnológica, militar e cultural à escala planetária em que o mundo hoje se encontra, não haja lugar para determinadas formas de pensamento. Como diz Vattimo, vivemos numa época marcada pelo *ornamento* plural. Existem muitas coisas que apenas simulam e celebram a *libertação do ornamento* tornando inoperantes a estética e a própria crítica: é por isso que hoje determinados segmentos da arte e do

pensamento tornaram-se em meros objectos fetiche por parte da cultura de massa: CDs, livros de bolso, t-shirts estampadas com o rosto de Gioconda ou o do papa embutido num preservativo, postais com imagens reproduzidas de caixas brillo e pinturas de Warhol, tupperwares, serigrafias de obras-primas da pintura, telenovelas, esculturas que representam uma lebre ou o corpo do cantor Michael Jackson em aço inoxidável assinadas Jeff Koons, lenços de seda com imagens de Mondrian e Botticelli entre outras bugigangas *light* apresentadas enfaticamente em museus, infelizmente, já não imaginários, onde tudo se assemelha a uma espécie de galáxia, disneylândia virtual pós-moderna, em que, mais estranho que pareça para alguns, já nada há para ver, pensar ou imaginar.

E como paradoxo de tudo isto podíamos evocar a célebre fórmula de Proust, citada, aliás, por S. D., como epígrafe no capítulo 3 do seu livro: *Os belos livros estão escritos numa espécie de língua estrangeira*. Imaginemos, por breves instantes, adivinhar o destino que terá essa fórmula proustiana nos dias de hoje, onde multidões hurlantes vibram diante de um gigante ecrã electrónico japonês, em que tudo o que há para ver é um turbilhão de imagens que preenchem até à exaustão a náusea da sua insignificância. Talvez os trabalhos de artistas como Barbara Kruger e Jenny Holzer nos ajudem neste domínio a penetrar no ecrã invisível da multidão solitária.

2. A filosofia corresponde, efectivamente, a um *estilo* singular, à afirmação de uma vontade minoritária de pensar que não se enquadra no modelo cultural dominante proposto pelos *media*<sup>1</sup>. Ela pensa o sistema *por fora* ou *à margem* deste, sem contribuir internamente para a sua organização constitutiva ou a sua responsabilização. Vemo-la, hoje, num processo de fractura e disseminação permanentes. Ela busca uma nova relação com o presente e a história tendo vindo a estilhaçar, nas últimas décadas, os paradigmas logocêntricos fundadores da racionalidade. É assim que encontramos, hoje, *estilos* de pensar cuja singularidade atravessa de forma aguda e original todo o pensamento filosófico contemporâneo. Muito de passagem, assinalaremos aqueles que

---

<sup>1</sup> Veja-se a este propósito a excelente análise que Sousa Dias fez no seu livro *Estética do Conceito. A filosofia na era da comunicação*, 1998, (capítulo 1. Esforços de Guerra. Pensamento, Comunicação e Resistência). Aí se tecem comentários contundentes sobre a emergência da nova sociedade de informação no contexto da civilização tecno-científica global. O autor examina, em traços gerais, o sentido do Poder modelizado à escala planetária pela sociedade neocapitalista, diríamos, hoje, pelo *Império*, para utilizar um termo empregue por Michael Hardt e Antonio Negri.

no nosso entender são os três mais relevantes *estilos* singulares de pensamento que percorrem a contemporaneidade. Eles circunscrevem-se a um trio de filósofos composto respectivamente por Jacques Derrida (*diferância*), Gilles Deleuze (*diferença*) e Jean-François Lyotard (*diferendo*). Cada um destes *estilos* de pensar foi elaborado sob o signo da desconstrução em sentido lato, havendo a salientar a presença tutelar da letra *d* nas palavras iniciais que definem os conceitos chave de cada um deles.

*Questão de estilo* enquanto livro de ideias e temáticas de índole filosófica e estética aproxima-se de certa maneira da trilogia filosófica que acabamos de referir. Sousa Dias (S. D.), é importante dizê-lo, entretém, relativamente aos filósofos acima citados, uma particular afinidade com a filosofia de Gilles Deleuze. E essa afinidade não é recente. Remonta a 1980, data da publicação do primeiro livro de S. D. *Mil Experimentações*. Posteriormente S. D. publicará outras obras, havendo a destacar *Lógica do acontecimento* (1995) como aquela que de uma forma mais sistematizada e original foi desde logo considerada pela crítica portuguesa como o melhor ensaio que se publicou, entre nós, sobre o pensamento de Gilles Deleuze. [Atrever-me-ia a dizer que no dia em que *Lógica do acontecimento* ou *Questão de Estilo* venham a ser traduzidos, lá fora, veremos, então, se não virão a ter um melhor e maior acolhimento do que aquele que entre nós conheceram].

Que fórmula mais exacta aquela que Borges formulou a propósito da definição da vida de um artista. Dizia ele que a melhor biografia de um artista são as suas obras. Porque as suas obras servem para explicitar o sentido das suas ideias, das suas posições e formulações. Dizíamos, no início, se bem se lembram, que para alguns um livro se reduz aos traços biográficos do seu autor. Ora, para nós e, no caso presente desta apresentação, nada mais contrário à nossa maneira de ver do que admitir uma tal ideia. Isso deve-se ao facto da filosofia não corresponder a um exercício biográfico, mas antes a uma actividade conceptual. *Questão de Estilo* é, desde logo, um livro que nos fala permanentemente das injunções e disjunções entre filosofia e arte. Falar sobre ele implica, pois, questionar a filosofia, sobretudo no contexto da sociedade tecnocultural como a nossa que tende ao centramento narcisista do indivíduo. Reconhecendo à filosofia um carácter *excêntrico* e despersonalizado, ela apresenta-se como uma actividade nómada do pensamento sem um *lugar* próprio que lhe seja assegurado.

A filosofia permanece, assim, condenada a viver numa crise de identidade metafísica, ela que sempre se apresentou como a instância crítica por excelência e que a todo o momento colocava em cheque e delimitava o próprio espaço consignado às

ciências e ao saber, vê-se, hoje, em parte, destinada a ser uma caixa de ressonância heurística que apenas cuida da objectividade geral dos entes e da natureza produzidos pela ciência. Mas será toda ela assim?

É difícil responder neste momento a essa pergunta mas pensamos que não. Talvez, por isso, valha a pena lembrar, a propósito, uma questão colocada por Derrida que é a de saber *aonde é que a questão do direito à filosofia tem ou pode ter lugar?* Sublinha Derrida de modo veemente e subtil: «A própria forma desta questão a propósito duma questão, a saber «onde, em que lugar uma questão pode ter lugar?», supõe que entre a questão e o lugar, entre a questão da questão e a questão do lugar, haja uma espécie de contrato implícito, uma afinidade suposta, como se uma questão devesse ser sempre previamente autorizada por um lugar, de antemão legitimada por um espaço determinado que lhe dá ao mesmo tempo direito e sentido, tornando-a assim possível e de uma só vez necessária, ao mesmo tempo legítima e inevitável»<sup>2</sup>.

A questão fundamental do estilo, tal como S. D. traçou no seu livro, o esboço rizomático, para empregar um termo de Deleuze, é o pensamento e o que nele há de *impensado*. Ora o *impensável* enquanto o *outro* fundamental do pensamento talvez seja, a nosso ver, o fio emblemático que percorre justamente com mais intensidade os vários textos que compõem este livro cuja importância nunca é demais lembrar. Afirma S. D. acerca dos limites impostos ao pensamento pelo próprio pensamento num gesto que parece *querer dizer* o que no fundo significa *impensar* : «O pensamento cria impensado, ou o impensável que força a pensar, o impensado-impensável é a superior criação do pensamento. Ele tece-se com efeito sobre um fundo intuitivo que nele insiste, sempre excessivo, ou que lhe resiste, a sua incurável gaguez, o que ele não consegue dizer e que é, todavia, a verdade ou o sentido do que ele diz»<sup>3</sup>, frase tanto mais extraordinária quanto retoma de modo pertinente aquilo que Heidegger costumava questionar frequentemente em torno do que é pensar.

Há, assim, em *Questão de estilo* e na continuidade do questionamento do próprio estilo enquanto questão, uma linha *impensável* que acolhe uma combinatória de conceitos e imagens que se entrecruzam e percorrem até esse «ponto de abertura de um «espaço» interferencial comum da filosofia e da arte»<sup>4</sup>. Um espaço a que corresponde

---

<sup>2</sup> Derrida, Jacques – *Le droit à la philosophie du point de vue cosmopolitique*, Éditions Unesco (Verdier), págs. 9-10 (tradução nossa).

<sup>3</sup> Dias, Sousa - *QUESTÃO DE ESTILO, arte e filosofia*, Pé de Página Editores, Coimbra, pág. 197, 2004.

<sup>4</sup> *Idem*, pág. 169.

ainda nas palavras do autor «uma paisagem estético-conceptual construída pelas intercessões objectivas de diferentes materiais, suportes e disciplinas»<sup>5</sup>.

3. Um outro aspecto fundamental, se não, mesmo, o mais determinante do ponto de vista filosófico que *Questão de Estilo* coloca (como o sub-título indica trata-se de um livro de *Arte e Filosofia* e não de filosofia da arte) prende-se com as motivações e estratégias que fazem com que a filosofia não seja apenas, como muito bem observou Deleuze, uma actividade soberana criadora de conceitos, mas também como fez notar Derrida, uma teoria (impossível) da metáfora.

Encontramos, aliás, neste livro, múltiplos pontos de referência com a metáfora através do modo subtil como o autor lê e interpreta o movimento criador infinito do conceito no seu devir metafísico dado mediante o dispositivo sensível-inteligível. A dimensão latente da metáfora manifesta-se ainda em muitos textos através duma infinita trama de agenciamentos que S. D. faz aparecer em jeito de *partituras, transcrições, trans-escritas, fugas, variações*, em suma, por intermédio de um *Logos imagético* feito de tópicas abissais que desconstroem qualquer bipolaridade ou dualidade fundada numa concepção transcendente da arte, do pensamento ou da filosofia. (Veja-se em a este propósito o texto de S. D., *Carlos Couto SC: Glenn Gould filósofo*).

Ora é precisamente nesse movimento de contra-idealização levado a cabo pelo conceito que este acaba por suprimir o clássico *transfert* metafísico entre o sensível e o inteligível superando ambos. Por isso, o estilo e a questão de estilo do estilo (enquanto *dizer* metafórico originário da filosofia) são uma abertura entre-expressiva transgressora e fundamental de toda a escrita filosófica. O estilo transporta consigo o conceito mas enquanto metáfora, porque só desse modo arruina qualquer pretensão metafísica da filosofia em controlar as metáforas do texto filosófico. Pensamos, portanto, que o discurso filosófico no tocante à metáfora não é exterior a ela, ele não vive sem ela, ele é pelo contrário, de origem metafórica.

A posição de S. D. sobre este ponto é crucialmente clara e afirmativa ao afirmar: «Todo o filósofo, ao contrário do que tantas se diz, é um estilista, um grande estilista. (...) Não há filosofia sem estilo, sem criação de um estilo. O que é evidente se se compreender que o estilo, mesmo na literatura e nas artes, não é essencialmente de ordem «estética». Em filosofia, o estilo é o movimento do conceito, e a singularidade

---

<sup>5</sup> *Idem*, pág. 169.

desse movimento. Ora o conceito não é uma simples opinião, uma concepção subjectiva, mas um operador muito preciso que nos arranca das concepções e opiniões correntes (...). Não há criação filosófica que não seja também criação linguística (...). É isso, o estilo como singular assinatura do pensador».

4. *Questão de Estilo* não é um livro de ideologia ou que manifeste posições sectárias relativamente ao repertório de temas e problemas que percorrem hoje o *mainstream* da filosofia e da estética.

Pelo contrário, é um livro criticamente aberto ao presente e no que este possui de não-apresentável, porque a tonalidade do questionamento a que se referem as problemáticas nele tratadas, relevam, sobretudo, duma profunda *inactualidade* em relação à conjuntura das ideias do presente. É nisso que consiste o fundamental da *Questão de estilo*. A *inactualidade* duma questão não significa, por exemplo, que não se possam mais, hoje, colocar os mesmos problemas que um Platão ou Kant colocava. Se pensarmos num certo tipo de questões relacionadas com a morte da filosofia e da arte, com o fim da história ou com o acabamento da metafísica, verificamos que estamos precisamente a desembaraçar-nos de problemas sem no fundo os ter resolvido, porque talvez eles na sua essência são irresolúveis.

É muito curioso, analisar, a maneira como a questão da *inactualidade* (metáfora criada pela temporalidade atemporal da arte) é tratada nesta obra (referimo-nos ao texto *Crítica e arte: a função da crítica*), sobretudo no que se refere ao papel que a crítica de arte desempenha no presente. Acreditamos que esse texto pela sua singularidade permite clarificar (mas sem *dilucidar* pois tal propósito visa atingir fins demasiado ambiciosos para as nossas pretensões) algumas das principais formulações que S. D. desenvolve acerca da *crítica como conceptualização do novo*: «Não se trata, por exemplo, na crítica das artes plásticas, de privilegiar hoje os «instaladores» sob o pretexto de que a actualidade, nessa artes, são as «instalações». Trata-se, pelo contrário, de discriminar, na produção actual, o que tende a escapar toda a actualidade, de apartar, no actual, o «inactual» no sentido de Nietzsche: aquilo que, no presente, e contra o presente, abre futuro, hipóteses de futuro. Dito de outro modo: o tempo da crítica é o presente, mas não o presente histórico ou das «actualidades», antes o presente sub-histórico dos acontecimentos, o que no presente desvia da história»<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> *Idem*, pág. 124.

Podíamos citar ainda outros textos como exemplo de dissolução das formas institucionais de pensar os vários regimes discursivos do saber ligados respectivamente à arte, à estética, à filosofia e à literatura. Uma tal dissolução corresponde ainda a um gesto suplementar mais vasto da *repetição* e *diferença* numa acepção deleuziana, com que S. D. intenta desconstruir o logocentrismo dos dispositivos teóricos que dominam o sistema de representação metafísica do pensar e do sentir. Valerá, pois, a pena ler atentamente, alguns desses textos: *A literatura e o princípio de razão insuficiente*, *Três fórmulas de Proust sobre o estilo*, *O que é o abstracto em arte*, *A violência da imagem: Cinema e pensamento* e de uma forma muito especial a análise à obra de um importante filósofo e poeta intitulado *Carlos Couto SC: Glenn Gould filósofo*.

Ainda um envio: dizia o poeta Edmond Jabès «Ser o que se escreve. Escrever o que se é. Tal é a parada». Ou Proust: «A vida, a verdadeira vida, a vida enfim descoberta e esclarecida (...) é a literatura?».

*Questão de Estilo* é infinitamente inquestionável que é como quem diz um livro que gosta de nos colocar diante de questões que possibilitam a vida, a arte, a literatura, a filosofia e o pensar, mas sem procurar dar *A Resposta* a todas as questões que coloca ou encontrar *O Estilo* para todos os estilos que enuncia. A sua excelente incompletude material tal como a exigência essencial da sua escrita são a expressão de um movimento solto, volátil, fluído, *impensável* e quase *sem* estilo que percorre de um modo profundo e invisível aquilo que existe *entre* as obras, os seus autores, as ideias e as coisas.

**Carlos França**

Fevereiro de 2004